

GESTÃO E PEDAGOGIA EMPREENDEDORAS URGEM EDUCADOR-EMPREENDEDOR

MARCO ANTONIO DE OLIVEIRA

Pós-graduado em Gestão Escolar. Especialista em Administração Hospitalar e Recursos Humanos. Graduado em Geografia e Administração de Empresas. Professor efetivo da rede pública estadual de ensino do estado de São Paulo.

RESUMO

Este artigo pretende promover uma reflexão sobre a gestão e a pedagogia empreendedoras que necessitam de um educador também empreendedor. Este artigo justifica-se por haver uma grande demanda por subsídios para a formação contínua e qualificada dos educadores e por soluções viáveis para tornar competente o cotidiano pedagógico nas escolas. Neste sentido, este estudo pretende contribuir auxiliando o professor em sua prática pedagógica. A fundamentação teórica foi realizada à luz de Dolabela (2003) e Acúrcio (2005).

PALAVRAS-CHAVE

Gestão; Empreendedorismo; Educador; Escola; Pedagogia.

ABSTRACT

This article purposes a way to think about the management and the educational enterprising which need an enterpriser teacher too. This work is important because there is a great number of people needing of data to their never ending improvement and they are looking for good solutions to become good educational environment at school. In this way, this study intends to contribute helping the teacher in his educational practice. The theoretical studies were Dolabela (2003), Acúrcio (2005).

KEYWORDS

Educational practice; Educational enterprising; Educational environment; Teacher.

INTRODUÇÃO

Muito se discute sobre empreendedorismo na contemporaneidade. Tanto que este conceito chegou à área da Educação; por este motivo, justifica-se a produção de um artigo que visa refletir que após a adoção dos conceitos empreendedores pela área educacional, e, posteriormente, a adoção pela instituição de ensino, deve-se pensar na preparação do corpo docente. Após a decisão dos gestores educacionais em programar a pedagogia empreendedora, há a necessidade de treinar o seu corpo docente para desenvolver competências e habilidades ligadas ao empreendedorismo. Como a pedagogia empreendedora exige grande energia e dedicação do corpo docente para conduzir as mudanças que ela suscita, é imprescindível que o educador recrie a metodologia de ensino, o que exigirá deste empenho e convicção. Ao educador não bastará apenas conhecer a pedagogia empreendedora, mas utilizar instrumentos didáticos adequados às peculiaridades e aos modos próprios de ser dos educandos. Mas como fazê-los se o encarregado de conduzir esse trabalho, o educador, está ainda enredado com padrões de uma cultura que não exercita as pluralidades de fontes de saber?

Muitas pesquisas têm apresentado números que apontam um baixo índice de qualificação dos professores brasileiros. Verifica-se que a grande maioria dos professores é recrutada entre os mais fracos do ensino médio e necessitam de treinamento (ACURCIO, 2005). É preciso ajudar o educador a empregar as práticas apropriadas, motivá-lo e fazer com que conheça suas deficiências. Na educação, apesar do desânimo de alguns, muito pode ser feito sem que sejam necessários recursos extravagantes. Gastar não assegura uma boa educação, sem trocar professores, mas investir em sua formação, motivá-lo, valorizar os seus sucessos e ajudá-lo a enxergar as suas limitações, isso é gestão educacional empreendedora. A formação dos novatos se completa dentro da sala de aula, sob a supervisão de mestres experientes que saibam manejar a classe e usar os materiais de ensino.

Na gestão empreendedora, a ênfase nos gestores como diretor e coordenador não deixa de incluir também a necessidade de possuir uma pedagogia empreendedora e, principalmente, um educador-empreendedor. Cabe ao educador aplicar a pedagogia empreendedora em sala de aula, ampliando as referências e fontes de aprendizado, redefinindo o próprio conceito de saber. O que muda em relação ao ensino convencional é a posição do educador como detentor do saber, assim como as estratégias para a aquisição do saber empreendedor.

A pedagogia empreendedora não cria a necessidade de especialistas para a sua inserção no sistema regular de ensino. Ao contrário, é disseminado por meio da preparação dos docentes que já participam do processo educacional regular.

Este estudo justifica-se por proporcionar uma reflexão aos gestores educacionais empreendedores a necessidade de se pensar em incluir no processo um planejamento de cursos de formação para desenvolver o empreendedorismo nos educadores; pois sem estes professores provavelmente não haverá a concretização da teoria empreendedora.

Este estudo foi realizado um levantamento bibliográfico sobre os conceitos de empreendedorismo e a aplicabilidade nas organizações escolares. Este levantamento buscou artigos atuais via internet e a aquisição de livros, coleta de artigos científicos e em revistas.

EMPREENDEDORISMO: UM INVESTIMENTO NO CAPITAL HUMANO

Segundo Acúrcio (2005, p. 13), o empreendedorismo não é apenas mais um conteúdo formal a ser estudado em sala de aula, mas é “um estado de espírito, um modo de ser e agir, uma forma de encarar o mundo. Ser empreendedor é ser ousado, confiante; é usufruir da qualidade de aprender a romper limites, não se intimidando com os limites aparentemente impostos pela vida”.

Uma gestão empreendedora necessita organizar uma proposta pedagógica comprometida com o empreendedorismo e necessita treinar os educadores para uma adoção de estratégias que favoreçam posturas como: autonomia, iniciativa, autovalorização, ética, criatividade, cidadania, liderança,

diálogo, participação, desenvolvimento do projeto, resolução de problemas, boa utilização da informação e dos recursos, inovação e pioneirismo. A inserção do empreendedorismo no currículo escolar visa disseminar a cultura empreendedora, a importância do empreendedor na escola e a necessidade de inovar. Isso exige capacitar e orientar os educadores para o trabalho em foco na competência empreendedora, promovendo a integração no desenvolvimento de projetos conjuntos. Parafraçando Dolabela (2003), ser um educador empreendedor não é um 'dom divino', mas exige-se um treinamento, um aperfeiçoamento contínuo para lidar com as situações do dia-a-dia. Segundo ainda Dolabela (2003, p. 24),

o espírito empreendedor é um potencial de qualquer ser humano e necessita de algumas condições indispensáveis para se materializar e produzir efeitos. Entre essas condições estão, no ambiente macro, a democracia, a cooperação e a estrutura de poder tendendo para a forma de rede. Sem tais "aminoácidos", formadores de capital social, há pouco espaço para o afloramento do espírito empreendedor, que é um dos componentes do capital humano.

É bom ressaltar que, nos países que hoje oferecem melhores condições de vida para a sua população, o estoque de capital existente já é suficiente para liberar espírito empreendedor em altas doses. Justamente por isso, por terem queimado etapas no desenvolvimento social, os investimentos em infraestrutura sofisticada e capital de risco podem ser prioritários para eles, mas não para nós, países em desenvolvimento.

Uma análise dos inscritos para a edição do exame em 2007 mostra que, entre os candidatos com pior nota, a probabilidade de um deles escolher o magistério é três vezes maior do que entre aqueles com melhores notas. Quem ingressa nos cursos de pedagogia, que formam os professores da educação infantil e do ensino fundamental, tem um perfil específico: baixo nível socioeconômico e pais com escolaridade baixa.

Dados do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) mostram que 41,6% dos estudantes de pedagogia têm renda mensal até três salários mínimos e quase um terço (32,1%) concilia os estudos com o trabalho para contribuir com o sustento da casa.

Mesmo sendo essencial, o investimento aplicado isoladamente, sem investimento em capital humano e social, tendem a perpetuar o nível de concentração de bens e capacitações de toda a natureza. Para entendermos melhor, a utilização dos recursos financeiros depende muito da existência de capital humano e social em níveis suficientes para que seja sustentável e tenha repercussões sociais. Corroborando esse ponto de vista, Franco (2001) exemplifica da seguinte forma:

Se distribuirmos igualmente entre os habitantes de uma comunidade com grandes diferenças sociais (como no Brasil) um certo valor em dinheiro e avaliarmos o que foi feito após alguns anos, provavelmente constataremos que aqueles que já possuíam conhecimento e poder conseguiram manter ou fazer crescer o capital, enquanto os despreparados o consumiram para sobreviver.

Concluindo, para que todos tirem proveito do crescimento econômico, é preciso alterar os fluxos e caminhos de renda, da riqueza e do conhecimento por meio de investimentos na formação de capital humano e social e na capacitação para construir democracia e cooperação.

Voltando-se para a pedagogia empreendedora, se o estudo de oportunidades ainda não faz parte do currículo ou das prioridades da educação formal, da educação infantil à universidade, isso terá que mudar. Esse estudo é hoje o principal conhecimento do empreendedor. Outro fator importante na pedagogia empreendedora é fazer o educador transformar idéias em algo concreto, viável, sedutor por sua capacidade de trazer benefícios para todos, o que lhe dará caráter de sustentabilidade. Segundo Dolabela (2003, p. 29),

Empreender não significa apenas criar novas propostas, inventar novos produtos ou processos, produzir novas teorias, engendrar melhores concepções de representação da realidade ou tecnologias sociais. Empreender significa modificar a realidade para dela obter a autorealização e oferecer valores positivos para a coletividade. Significa engendrar formas de gerar e distribuir riquezas materiais e imateriais por meio de idéias, conhecimentos, teorias, artes, filosofia.

Afirmado isso, fica evidente que os métodos convencionais de ensino não se aplicam ao aprendizado empreendedor, processo pelo qual não há uma resposta certa, mas sim perguntas fertilizantes, que abrem possibilidades para a ocorrência de inúmeras respostas possíveis. Na escola convencional, os conteúdos são tratados como verdades definitivas, destinadas a transmitir a quem os adquire a sensação de segurança e a quem os propaga, a aparência de autoridade. No entanto, no campo empreendedor, a incerteza substitui a suposta verdade como componente estrutural e, por essa razão, pela necessidade de trilhar caminhos nunca trilhados, a educação empreendedora deve desenvolver a autoestima e valorizar o potencial de persistência dos alunos diante de resultados não esperados, diante do erro e do que os outros consideram fracasso. Sobre isso, cabe a citação de Freire (2000), “A vida na sua totalidade me ensinou como grande lição que é impossível assumi-la sem risco”.

Desenvolver uma educação empreendedora no Brasil significa reconhecer a importância da nossa diversidade cultural, que nos enriquece como povo e nação, acreditar na nossa capacidade de protagonizar os nossos sonhos, tornando-os realidade por meio de ações concretas em nosso cotidiano. É deixar de nos lamentar. É enfrentar as dificuldades com cada um dando a sua contribuição. Uma estratégia de educação empreendedora é conscientizar os educadores sobre a necessidade de sermos racionais e termos ética.

O autoconhecimento e a autoestima são elementos fundamentais na aprendizagem e na construção da pulsão empreendedora, influenciando tanto o processo cognitivo quanto as relações do indivíduo com o outro e com o mundo. Ao se reconhecer fortalecido em sua individualidade e perceber que, pela construção e realização do seu sonho, poderá simultaneamente protagonizar ações para o desenvolvimento da comunidade à qual pertence, o indivíduo se constitui como ser autônomo capaz de cooperar e liberar a sua força criadora.

O desafio da proposta educacional empreendedora é construir novos valores em uma sociedade heterogênea, marcada positivamente pela diversidade cultural, mas negativamente pelas diferenças imensas de renda, poder e conhecimento, poder e conhecimento.

Na pedagogia empreendedora, a ênfase no autoaprendizado não diminui o âmbito de ação do educador. Pelo contrário, aumenta a importância, já que cabe a ele ampliar as referências e fontes de aprendizado e redefinir o próprio conceito do saber. O que muda em relação ao ensino convencional é a posição do professor como detentor do saber, assim como as estratégias para aquisição do saber empreendedor. Assim, o agente da pedagogia empreendedora é o professor. É ele quem irá preparar um ambiente favorável para o aluno construir seu próprio saber empreendedor. O papel do professor pode ser visto como o de alguém que provoca o desequilíbrio nas relações do aluno com o mundo, através de perguntas, desafios, questionamentos, e ao mesmo tempo oferece o apoio necessário para que ele, diante dos conflitos cognitivos, desenvolva uma ação auto-organizadora. Mas diante deste grande desafio, como torná-lo atingível se o encarregado de conduzir esse trabalho, o professor, está ainda enredado com padrões de uma cultura que não exercita a habilidade de sonhar e tornar esse sonho em realidade? Ou seja, deixar de reclamar e partir para a realização?

A resposta a essa pergunta é um dos grandes desafios enfrentados pela pedagogia empreendedora que está utilizando recursos de uma cultura para subverter ou transgredir normas dessa mesma cultura. Por essa razão, a estratégia de disseminação da pedagogia empreendedora apóia-se em dois pilares: a livre adesão da escola à pedagogia empreendedora e, a preparação dos professores, capacitando-os a criar e a recriar a pedagogia empreendedora ao aplicá-la constantemente, perseguindo e encontrando a sua congruência com os públicos a que se dirige: o aluno, a escola, a comunidade e, principalmente, o próprio professor, respeitado como ser diverso, único e livre.

Nesse sentido, é válido afirmar que também o professor se propõe a ser empreendedor em sala de aula, porque não estará diante da tarefa de transferir informações, mas de desenvolver potenciais, levando em conta a natureza peculiar e a visão de mundo de cada aluno.

De acordo com Dolabela (2003, p. 106), abraçando a pedagogia empreendedora, o professor estará se envolvendo em uma estratégia de ensino/ aprendizado com as seguintes características: *formação de valores humanos, saber ser, valores para a comunidade, formação de capital humano e social, professor empreendedor, construção de cooperação, mestre aprendiz e recriação constante.*

A *formação de valores*, segundo Dolabela (2003), refere-se que a pedagogia empreendedora não supõe que os conteúdos se restrinjam a conceitos científicos, nem afirma que as competências e habilidades servem exclusivamente para aprendê-los.

Outra característica da estratégia de aprendizagem da pedagogia empreendedora diz respeito ao professor. Dolabela (2003) denomina esta característica como o *saber ser*. O professor será envolvido no processo: ao aplicar a estratégia empreendedora, ele estará desenvolvendo uma nova visão da aquisição do saber, construída a partir da emoção e de propostas existenciais básicas apresentadas pelos alunos.

O ensino segundo Dolabela (2003) deve ressaltar nos professores também e, estes repassar aos alunos, os *valores para a comunidade*, ou seja, ao reconhecer a coletividade como alvo do saber empreendedor, o professor estará atravessando a ponte que proporciona a transformação do saber em valor para a comunidade.

É necessário para a implantação da pedagogia empreendedora que haja investimento na *formação de capital humano e social*, afirma Dolabela (2003). Ao endereçar o saber à construção de si mesmo e do outro, o professor estará se envolvendo em processos que visam ao desenvolvimento humano. Ao admitir a comunidade como uma das principais fontes de conhecimento e de oferta de modelos para os alunos, o professor estará ampliando a sua compreensão sobre o papel da comunidade e construindo um entendimento sobre a formação do que se chama capital social.

Dolabela (2003) afirma que o *professor empreendedor*, ao chamar a comunidade a participar do processo educacional, ele estará formando e fortalecendo a sua rede própria de relações, desenvolvendo também a sua capacidade de empreender.

A *construção de cooperação*, outra característica proposta por Dolabela (2003), relata que ao se integrar à comunidade, de forma intensa, o professor estará construindo a sua competência para cooperar e gerar cooperação, o que é fundamental para o desenvolvimento humano e formação do capital social.

Mestre aprendiz, por meio desta característica, Dolabela (2003) afirma que o aluno irá gerar um conhecimento específico, representado pela formação do seu sonho e do “trabalho” empregado na tentativa de sua realização, ao qual o professor terá acesso de forma privilegiada. Aqui, a máxima que diz que o mestre aprende mais que o aluno é uma verdade concreta e não-metafórica, porque, ao testemunhar a criação de estratégias, meios e caminhos, busca e aplicação de energia, inteligência, criatividade, inovação, transgressão etc., o professor entrará como testemunha e participante de experiências que dizem respeito à epopéia humana.

A última característica citada por Dolabela (2003) diz respeito à pedagogia empreendedora, refere-se à *recriação constante*. Ao implementar a Pedagogia Empreendedora, o professor terá a oportunidade de recriá-la, moldando-a às peculiaridades dos públicos interno e externo que serão alvo de sua aplicação e, com isso, estará desenvolvendo a sua criatividade, aplicando conhecimentos, enfrentando desafios. Enfim, estará aprendendo. Os atores envolvidos com a Pedagogia Empreendedora – alunos, professores, pais, escola e comunidade – apresentam diferenças substanciais (de escola para escola, de cidade para cidade, de região para região). Tais diferenças dizem respeito a valores, tradições, nível de capital social e humano, práticas econômicas, políticas, qualidade de vida. A Pedagogia Empreendedora será, necessariamente diferente a cada aplicação, porque só oferecerá valor se for vinculada e compatível com a cultura local.

O professor, ao experimentar os conceitos e ao evoluir na construção de sua compreensão sobre a pedagogia empreendedora, irá desenvolver dinamicamente a sua própria prática didática.

CONCLUSÃO

Após a decisão da escola de implantar a pedagogia empreendedora pelos gestores empreendedores, haverá necessidade de um processo de preparação do seu corpo docente. Faz parte da estratégia de implementação, o oferecimento de um seminário aos professores para a discussão dos aspectos

didáticos e do planejamento da execução. A sensibilização dos pais e da comunidade, através de suas lideranças e representações de todos os seus setores, também é imprescindível à implementação bem-sucedida.

A reflexão proposta neste artigo refere-se às preocupações básicas a ser enfrentadas pela educação empreendedora no Brasil. O ensino de empreendedorismo precisa ser discutido séria e profundamente em nossa sociedade, pois o assessor especial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), Célio da Cunha, alerta para a desvalorização do professor em nosso país. Ele afirmou que “a universalização do ensino fundamental foi feita à custa dos baixos salários dos professores. Quando se expandiu o número de escolas e fez-se a inclusão de mais alunos, ironicamente foram os professores que financiaram isso porque a expansão não foi feita melhorando a carreira e os salários”. E continua afirmando que “o resultado desse processo pode ser medido pelo desinteresse dos estudantes do ensino médio. Pesquisa da Fundação Victor Civita, realizada no ano passado com 1,5 mil jovens, apontou que apenas 2% deles querem ser professor”. Ou seja, urge-se uma reflexão sobre um investimento na formação do corpo docente brasileiro; e este investimento poderia ter início com a inserção da disciplina Empreendedorismo nas faculdades de licenciatura ou cursos de curta duração oferecidos aos professores pelas instituições educacionais.

REFERÊNCIAS

ACÚRCIO, M. R. B. (Coord.). **O empreendedorismo na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CUNHA, Célio da. Entrevista WWW.conexaoprofessor.rj.gov.br/educacao-entrevista-10.asp, acessado em 7 de agosto de 2010.

DOLABELA, F. **Pedagogia empreendedora**. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.

FRANCO, A. **Reinvenção das organizações**. Brasília: AED, 2001.

FREIRE, P. **Essa escola chamada vida**. São Paulo: Ática, 11ª. Ed., 2000.